



<https://doi.org/10.51880/ho.v25i2.1278>

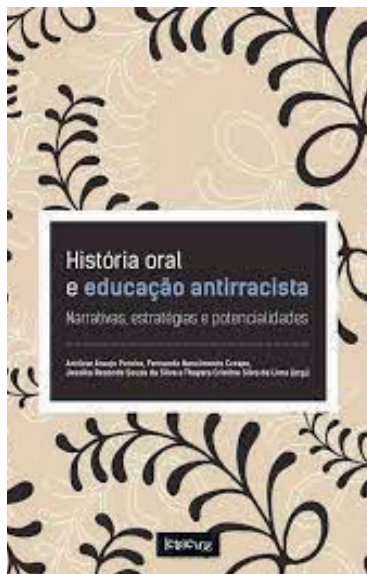


Ancestralidade e memória para uma educação antirracista

Simone Lima Azevedo*

ORCID iD 0000-0002-9998-1827

Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, São Paulo, Brasil



PEREIRA, Amílcar Araújo *et al.* (Org.). História oral e educação antirracista: narrativas, estratégias e potencialidades. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

* Doutoranda em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo (USP), com orientação da Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz; mestra em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: simone.azevedo@usp.br.

Organizado por Amilcar Araújo Pereira, Fernanda Nascimento Crespo, Jessika Rezende Souza da Silva e Thayara Cristine Silva de Lima, o livro “História oral e educação antirracista: narrativas, estratégias e potencialidades” explora as possibilidades de uma educação multifacetada como ferramenta crítica para o antirracismo, a partir da utilização da metodologia da história oral, a qual resgata, pelo processo de escuta sensível das fontes orais, memórias, legados, ancestralidades e subjetividades como territórios plurais de conhecimento. Assim, considerando os objetivos apresentados pelos organizadores, o trabalho de história oral realizado na obra dá conta do que se propõe: buscar as dimensões simbólicas da construção da memória individual e coletiva na luta das comunidades negras por uma educação antirracista e afrocentrada.

Democratizar a educação é estratégia-chave no enfrentamento da opressão racial. Contudo, a educação libertadora explorada na obra não se limita aos espaços excludentes das salas de aula e aos currículos escolares eurocentrados que reproduzem a desigualdade, pois é mediada por arte, estética, cultura e memórias individuais e coletivas que lançam luz para epistemologias contra-hegemônicas. Sensíveis ao trabalho coletivo das comunidades negras que tem tornado possível o processo de (re) educação das relações étnico-raciais no Brasil, os organizadores iniciam a apresentação do livro com a significativa epígrafe de Paulo Freire sobre a Pedagogia do Oprimido: “Ninguém educada ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p. 11).

Ancorada na coletividade como frente do ativismo negro, a obra de 200 páginas reúne oito capítulos que são resultado do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Antirracista, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (GEPEAR-UFRJ), cujos autores e autoras abordam diversas dimensões da luta antirracista. Uma dessas dimensões é a fala poética que abre e fecha o livro.

Pelas vozes denunciantes de Maui e DaCosta, os textos “Ativismo de gaveta” e “A única coisa que temos” desvelam a fragilidade de uma pseudomilitância política não racializada, o apagamento das histórias individuais e coletivas da população negra e o genocídio e o epistemicídio resultantes do racismo estrutural. Poesia que reconstrói os fios constitutivos da união como forma de resistência.

A resistência por meio da estética é evocada pelas autoras Fernanda Nascimento Crespo, Jessika Rezende Souza da Silva e Thayara Cristiane Silva de Lima no primeiro capítulo, intitulado “Narrativas estéticas do Movimento Negro: ver, sentir e viver o antirracismo”. A criação de novas dimensões do antirracismo por meio da arte, da cultura e do ativismo é destacada pelas autoras como parte constitutiva da luta política contra o racismo, devido a sua influência na construção de novas identidades e subjetividades, a partir da pluralidade sensível e simbólica de imagens, sons e corpos. Destacam-se, assim, as vivências e memórias das fontes orais que desafiam os padrões estéticos eurocentrados e influenciam pessoas ao seu redor.

Ainda com o simbolismo das artes, Afonso Gonçalves, Amilcar Araújo Pereira, Douglas de Jesus Gonçalves e Odara Dias Philomena abrem o segundo capítulo do

livro, intitulado “Contra o racismo, por uma nova história: raça e luta política no Brasil”, com um trecho do samba-enredo de 2019 da Estação Primeira de Mangueira, o qual evoca importantes personagens da população negra e indígena para a formação da sociedade brasileira. Contar a história não contada desses sujeitos sociais é um processo reeducador fundamental. Para isso, destacam-se as memórias de militantes do Movimento Negro sobre a luta pela reavaliação do papel do negro na história do país. Nesse percurso, a história oral é uma aliada crítica no trabalho de prospecção sensível do passado.

Articulando esse debate com as lutas por educação, o texto “Lutas antirracistas, Movimento Negro e Educação: narrativas da História”, de Ana Júlia França Monteiro e Marcos Antonio Batista da Silva, no terceiro capítulo da obra, analisa as reverberações culturais, políticas e epistemológicas proporcionadas pela obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Nesse texto, a história oral permite o resgate de aspectos cruciais da luta do Movimento Negro para a descolonização dos currículos escolares a partir das memórias e percepções de sujeitos que protagonizaram esse processo.

Na sequência, no texto “‘Negro na universidade?’: trajetórias de estudantes negros de origem popular no espaço acadêmico”, Warley da Costa analisa o desafiante processo de integração, identificação e pertencimento vivenciado por estudantes negros de origem popular na UFRJ, tendo o Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes - Identidades como espaço acolhedor. Nesse quarto capítulo, a especificidade da história oral permite à pesquisadora mergulhar nas subjetividades dos depoentes e captar vivências comuns com o racismo institucional, narradas a partir de múltiplas singularidades.

No outro lado dessa relação, relatos de profissionais da educação infantil, do pré-vestibular da Educafro e de egressos do curso de Pedagogia da UFRJ que adotam posturas antirracistas como estratégia pedagógica são explorados por Joana Oscar, Natália Barbosa da Silva e Sara Carolina de Castilho Damaso dos Santos, no texto “Educação antirracista: convergências registradas nas falas de professores”. Nesse quinto capítulo, por meio da história oral, as autoras acessam as trajetórias de quem constrói os currículos escolares e vivencia as dificuldades para a valorização da diversidade epistemológica na educação.

A força da ação dos sujeitos sociais na construção de uma educação emancipatória também é destacada por Núbia de Oliveira Santos e Talita de Lima Gomes no texto “Entre agentes e professoras da Educação Infantil: mulheres negras e as dimensões raciais na construção da profissionalização”, o qual aborda o surgimento de escolas e creches comunitárias como resultado da luta de mulheres negras e pobres por educação para seus filhos, bem como o processo de profissionalização dessas mulheres para atuação na educação infantil. Por meio da história oral, as autoras podem compreender os sentidos e saberes produzidos por essas mulheres, a partir do acionamento da memória e da

subjetividade. A interseccionalidade de opressões de raça, classe e gênero que atravessa a realidade das fontes orais desse sexto capítulo da obra é ricamente evidenciada no texto.

Resistência feminina também é tema da análise de João Alberto Jacomelli e João Raphael Ramos dos Santos no texto “Repensando o pós-abolição: a presença negra numa perspectiva educadora”, o qual aborda o protagonismo de mulheres negras no contexto imediato do pós-abolição, por meio da história de vida da Tia Ciata, importante liderança da região da Pequena África, e o engajamento de professoras negras de um curso de pós-graduação do Instituto Pretos Novos (IPN), em reverberar histórias da população africana e afro-brasileira. Esse sétimo capítulo da obra tem o passado e o presente da região portuária do Rio de Janeiro como lugar de sofrimento, mas também de memória, produção de saberes e afirmação da cultura negra na diáspora, com o protagonismo de sujeitos históricos resgatado por meio dos relatos de fontes orais.

E, por fim, o livro traz no oitavo capítulo, intitulado “A cultura yorubá em foco como ferramenta na luta antirracista na Educação”, análise de Carlos Henrique Ònà e Priscilla Marques Campos sobre o curso de cultura e língua yorubá Órgana, promovido pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, o qual apresenta uma perspectiva filosófica afrocentrada, de valorização da tradição oral, da ancestralidade e da diversidade étnico-racial na produção e preservação de conhecimentos não reconhecidos pela academia eurocêntrica.

A visão yorubá sobre existir em comunidade (*ẹgbẹ*) vai ao encontro da história oral, em sua perspectiva decolonial, compreendida como construção dialógica e singular de significados, sentidos e entrecruzamentos a partir da memória. Nesta perspectiva, somos parte de um todo e vivemos numa relação orgânica de trocas e encontros com outras narrativas, pois, ainda que completos em nossa totalidade e individualidade, habitamos nas encruzilhadas e, a partir delas, atribuímos significado a nossa existência e ao mundo que habitamos. Território da subjetividade, memória é poder, portanto indispensável para descolonizar o pensamento, o conhecimento e a educação.

Desse modo, destaca-se a contribuição do livro que, com profundidade teórica e respeito à integridade das fontes, compartilha, a partir das narrativas de sujeitos históricos, sociais e políticos, reflexões sobre a pluralidade de caminhos para a construção de uma educação antirracista. Para o campo de estudos da história oral, a obra, que evoca o rompimento com a “outridade” e promove a fala como um ato político, permite reverberar as vozes silenciadas, preencher as lacunas da história e tensionar a discussão em torno do epistemicídio reproduzido pelo racismo no passado e no presente.

Recebido em 10/12/2021

Aprovado em 23/01/2022

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflito de interesses: nada a declarar.